

A escola-mercado; Projeto de Vida e saúde mental no contexto do “Novo Ensino Médio Capixaba”: um relato de experiência

The market-school; Life Project and mental health in the context of the 'New Capixaba High School': an experience report

André Alves Cruz
Martinho Guilherme Fonseca Soares
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória-Brasil

Resumo

Ao investigar os enunciados discursivos presentes nos documentos que orientam o “Novo Ensino Médio Capixaba” (2020), o artigo discute como a lógica produtivista e empreendedora do terceiro setor tem operado nas escolas capixabas por meio de parcerias público-privadas. Adota, como metodologia, a Análise Dialógica do Discurso (ADD) bakhtiniana, discutindo a atual configuração da disciplina Projeto de Vida (PV). Identifica como as questões relacionadas a saúde mental estão vinculadas a um projeto neoliberal voltado a jovens de quem se exige flexibilidade frente as demandas de trabalho e emprego, resultando em um processo de adoecimento psíquico. Pautado pela crítica à razão neoliberal, conclui pela aposta do Currículo do Espírito Santo na flexibilização e massificação dos sujeitos. Propõe, ao fim, um dispositivo de enfrentamento a lógica universalizante da qual deriva a escola-mercado.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio Capixaba. Neoliberalismo. Saúde mental.

Abstract

By investigating the discursive statements present in the documents that guide the New High School (2020), the article discusses how the productivist and entrepreneurial logic of the third sector has operated in Espírito Santo schools through public-private partnerships. It adopts Bakhtinian Dialogical Discourse Analysis (ADD) as its methodology, discussing the current configuration of the Life Project discipline. It identifies how issues related to mental health are linked to a neoliberal project aimed at young people who are required to be flexible in the face of work and employment demands, resulting in a process of mental illness. Guided by criticism of neoliberal reason, it concludes that the Espírito Santo Curriculum is committed to the flexibility and massification of subjects. Finally, it proposes a device to confront the universalizing logic from which the school-market derives.

Keywords: New High School in Espírito Santo State. Neoliberalism. Mental health.

1. A antessala do “Novo Ensino Médio Capixaba”

Tudo aquilo que é “novo” ou que assim se queira nomear, via de regra desperta, atrai nossa atenção. Ao contrário do que poderíamos supor, deixar-se atrair pelo “novo”, contudo, não é característica exclusiva daqueles que vivem no Tempo Presente, muito embora estejamos, hoje, mais afeitos a mudança que a “novidade” implica do que em outros momentos de nossa história. No contexto das práticas escolares, objeto de nossa reflexão, essa atração se faz perceber na medida em que passamos a recorrer a supostas “novas metodologias de ensino-aprendizagem”; “novas tecnologias educacionais”, de modo que, fascinados pela possibilidade de “inovar”, passamos a enxergar nesses “novos métodos” e “novos conteúdos”, verdadeiras “novas pedagogias”.

Os termos e expressões por nós destacados no parágrafo primeiro deste artigo, contudo, não correspondem a ineditismos teórico-metodológicos ou a pedagogias originais, afinal, como sublinha Bakhtin (2016, p. 61) “O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez”. A analogia ao Adão mítico nos é oportuna na medida em que a expressão “Novo Ensino Médio Capixaba”, que integra a versão mais recente do Currículo do Espírito Santo (2020), busca despertar o mesmo tipo de relação semântica naqueles que se deixam atrair pelo “novo”, tal como destacaremos ao analisar os documentos curriculares que, hoje, orientam a prática docente dos professores capixabas.

Na medida em que chamamos esses termos e expressões à composição do texto, ao analisa-los em conjunto com diferentes matérias publicadas pela Secretaria da Educação do Espírito Santo (Sedu/ES) em seus canais oficiais, identificamos uma orientação político-ideológica que se encontra ancorada ou, como propõe Bakhtin (2016), relacionada a outros contextos, a outros objetos. Aqui, identificamos uma conexão entre os pressupostos do Novo Ensino Médio Capixaba e um projeto educativo pautado por grupos empresariais vinculados à lógica neoliberal que faz do “novo” uma de suas principais plataformas, constituindo a análise da relação entre escola e grupos do terceiro setor, um dos eixos de nossa discussão.

Ao destacarmos as expressões que permeiam os documentos orientadores do Currículo do Espírito Santo não queremos devagar em questões de sintaxe, o que interessa muito mais aos estudiosos da Linguística. Buscamos compreender os sentidos expressos, o querer político por detrás de uma proposta assim apresentada. Por esse motivo, entendemos o Novo Ensino Médio Capixaba como enunciado discursivo de forte conotação político-

ideológica. Bakhtin (2016, p. 62) postula que um traço essencial, constitutivo, do enunciado é a possibilidade de seu direcionamento a alguém, de seu endereçamento, pois, “À diferença das unidades significativas da língua — palavras e orações — que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor [...] e destinatário”. O enunciado se dirige, assim, a um auditório social concreto.

Apresentada como “atual” e “conectada” aos desafios postos pelo século XXI (Espírito Santo, 2020, p. 3), a estrutura curricular do Novo Ensino Médio Capixaba se configura como um desses enunciados, integra, portanto, um gênero do discurso bastante específico. Trata-se não apenas do estabelecimento de um par antagônico em que a “nova” proposta se opõe aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000), mas da busca por um auditório social receptivo que corresponda e compartilhe do mesmo postulado, do mesmo projeto educativo que, por suposto, como o veremos, centrar-se-ia no “protagonismo do estudante do séc. XXI” dado a sua capacidade “[...] de mobilizar conhecimentos de diferentes áreas para *empreender* projetos pessoais ou produtivos articulados ao seu projeto de vida” (Espírito Santo, 2020, p. 31, grifo nosso).

Uma estrutura curricular, contudo, que compreende o estudante como “empreendedor”, acaba por responsabilizá-lo integralmente por seu futuro uma vez que originário do ramo empresarial, o termo “empreender” passou a significar o esforço do indivíduo em prol de seu “sucesso”, como se o jovem estivesse apartado das condições do meio em que vive: de sua trajetória familiar, de sua herança material, cultural e racial. Muito mais que um instrumento meramente prescritivo, observamos que o currículo se torna o resultado de uma construção social em que a definição dos conteúdos escolares passa a envolver prioridades sociopolíticas e discursos (Goodson, 1995, p. 113) pouco a pouco incorporados no cotidiano das escolas por meio de suas “feiras de negócios”, “mostras profissionais” ao ponto em que nos arriscamos a confundir a escola com uma empresa.

Não sem razão, no Brasil e no Espírito Santo, diferentes grupos empresariais passaram a estar cada vez mais dentro do Estado, dentro das escolas, de modo que “O embaralhamento das fronteiras entre escola e empresa indica uma desterritorialização da escola e da educação” (Kroef e Gallicchio, 2005, p. 126) e o espaço escolar perde sua função precípua de formar sujeitos solidários, aptos ao exercício crítico da cidadania em detrimento da formação de indivíduos conformados à lógica produtivista e mercadológica do capital mundial.

A escola-mercado; Projeto de Vida e saúde mental no contexto do “Novo Ensino Médio Capixaba”: um relato de experiência

Em função dessa atual configuração, a escola capixaba de nível médio, sob forte ingerência de grupos do terceiro setor, passou a estar cada vez mais assemelhada a uma empresa. Neste artigo, centramos nossas atenções no estudo da chamada “parte diversificada” do Novo Ensino Médio Capixaba, analisado, em pormenor, como a disciplina Projeto de Vida (PV),ⁱ vai ao encontro da lógica neoliberal, se colocando a serviço de tais interesses. Desse modo, na seção que se segue a esta, partindo de uma investigação documental dos diferentes marcos legais e normativos que orientam o Novo Ensino Médio Capixaba bem como da divulgação das iniciativas adotadas pela Sedu/ES para sua implementação, buscamos compreender como a escola pública(?) espírito-santense tem, no decurso dos últimos anos, estreitado seus vínculos com a iniciativa privada.

Valendo-nos dos pressupostos metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD) bakhtiniana, temos por objetivo geral investigar as implicações da lógica neoliberal na saúde mental dos jovens estudantes capixabas, apresentando dispositivos de enfrentamento à escola-mercado. Para tanto, somamos a análise documental nossas experiências enquanto professores de Projeto de Vida em uma escola da rede estadual de ensino do Espírito Santo. Desse modo, tal como defende Brait (2006, p. 13), buscamos “[...] reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados”.

2. O público-privado e a escola pública(?) capixaba

Atentos ao caso capixaba, como proposto no título deste artigo, a fim de melhor visualizar as relações entre a esfera pública e a privada que tem ocupado lugar de destaque no projeto educativo capitaneado pela Secretaria da Educação do Espírito Santo, selecionamos um conjunto de publicações veiculadas pela Assessoria de Comunicação da Sedu/ES no ano de 2023 relacionadas a “parcerias” entre escolas da rede estadual do Espírito Santo e organizações do terceiro setor voltadas, sobretudo, para estudantes do ensino médio. Os dados coligidos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 — Parcerias da rede estadual de ensino do Espírito Santo e/ou de suas escolas em ações e projetos de empreendedorismo

Título da matéria	Organização	Ano
Escolas da Grande Vitória recebem formação sobre empreendedorismo e educação financeira	Junior Achievement	2023
Escola de Viana realiza ‘Semana do Empreendedorismo	Sebrae	2023
Startup desperta empreendedorismo em jovens de escola em Vila Velha	Junior Achievement	2023

Projeto Innovation Camp atrai jovens para pensar turismo capixaba	Junior Achievement	2023
---	--------------------	------

Fonte: Produzido pelos autores com informações disponíveis em <https://sedu.es.gov.br/>. Acesso em janeiro de 2024.

Conforme evidencia o Quadro 1, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a Junior Achievement (JA) destacam-se como organizações do terceiro setor presentes nas escolas públicas do Espírito Santo identificadas como “parceiras” no desenvolvimento de ações e projetos voltados ao *empreendedorismo juvenil*. No que se refere a Junior Achievement Brasil, de modo específico, a organização destaca em seu site oficial seu método “aprender-fazendo”, lhe permitindo, como autoavalia, ter sido uma das primeiras organizações a levar conhecimento sobre empreendedorismo, educação financeira e preparação para o mercado de trabalho a jovens da América Latina.

Seus programas voltam-se, sobretudo, para estudantes de escolas públicas, afinal, são eles que constituirão mão de obra para as empresas que integram sua lista de parceiros, dentre elas: Ancar Ivanhoe Shopping Centers; Évora Holding Company; Gol Smiles; NVA Capital; Dell Technologies; Gerdau, dentre outras.ⁱⁱ A partir do que observamos no Espírito Santo, corrobora-se que a atuação de fundações, institutos e organizações autodenominados como “sem fins lucrativos” tem travestido o setor privado sob o viés da filantropia (Estormovski, 2021, p. 2). E assim, seu projeto político-ideológico é cada vez mais assimilado e naturalizado pelos agentes educativos.

Em nossa perspectiva, essas empresas, sob a forma de diferentes organizações sociais, estão interessadas no desenvolvimento de conhecimentos úteis à dinâmica neoliberal, que vê no jovem não somente mão de obra, mas um potencial colaborador no processo de retroalimentação de seus ideais que, hoje, encontram-se consolidados nos termos da BNCC, um documento:

[...] posto na agenda de discussão pública a partir do Movimento pela Base, uma mobilização protagonizada por grupos articulados ao terceiro setor e ao âmbito empresarial que objetivavam a adoção de orientações unas para os currículos de todo o país. Por meio de sua ação institucionalizada e coletiva - que conta com a Fundação Lemann, o Todos pela Educação, o Instituto Ayrton Senna, o Instituto Unibanco e o Instituto Natura entre seus promotores -, esse movimento se articulou a entes públicos e a entidades representativas das secretarias estaduais e municipais de educação (Consed - Conselho Nacional de Secretários de Educação e Undime - União dos Dirigentes Municipais de Educação) e readequou a política curricular do país, com impactos sobre os processos didático-pedagógicos que atingiram escolas das mais variadas realidades (Estormovski, 2021, p. 2-3).

No Espírito Santo, embora tenhamos nos detido em informações sobre parcerias público-privadas referentes ao ano de 2023 — uma vez que as ações são recorrentes nos anos

A escola-mercado; Projeto de Vida e saúde mental no contexto do “Novo Ensino Médio Capixaba”: um relato de experiência

anteriores —, nos chama a atenção, para além do Sebrae e da Junior Achievement acima indicados, a cooperação estabelecida entre a Secretaria da Educação e o Instituto Unibanco que passou a gerenciar os índices estaduais de educação e um conjunto maior de políticas públicas tal como apresentamos no Quadro 2 em que, nos valendo de notícias veiculadas em canais oficiais, constatamos que as ações curriculares capixabas vêm sendo amplamente formuladas por esses grupos que, autointitulados “filantrópicos”, possuem diversas ramificações no terceiro setor.

Quadro 2 — Ações institucionais entre a Sedu/ES e Instituto Unibanco no ano de 2023

Título da matéria	Publicação	Ano
Sedu-ES anuncia lançamento dos protocolos do circuito de gestão capixaba	Instituto Unibanco	2023
Sedu-ES promove formação em gestão escolar para equidade racial	Instituto Unibanco	2023
Sedu-ES promove seminário gestão escolar para a equidade em parceria com o Instituto Unibanco	Instituto Unibanco	2023
Formação promove ações para fortalecer a educação antirracista no Espírito Santo	Instituto Unibanco	2023
Protocolos de Circuito de Gestão Capixaba são apresentados em encontro de supervisores da Sedu-ES	Instituto Unibanco	2023
Profissionais da rede estadual capixaba participam de seminário sobre avaliações educacionais	Instituto Unibanco	2023
Sedu e Instituto Unibanco promovem Seminário Gestão Escolar para a Equidade	Sedu/ES	2023
Sedu e Instituto Unibanco promovem Encontro de Supervisores Escolares	Sedu/ES	2023

Fonte: Produzido pelos autores com informações disponíveis em <https://sedu.es.gov.br/> e <https://www.institutounibanco.org.br/>. Acesso em janeiro de 2024.

A partir do Quadro 2, concordamos com a perspectiva de Estormovski (2021) ao propor que os grupos empresariais têm, cada vez mais, orientado práticas pedagógicas no interior das redes de ensino públicas do País. Essas práticas, travestidas pelos neologismos destacados no início deste texto apresentam-se, assim, como “novas pedagogias”, supostamente atentas e conectadas ao futuro. Trata-se, contudo, de um futuro, tal como evidenciado, pautado pelos interesses dos grupos empresariais que têm, hoje, orientado o currículo e a gestão escolar no Espírito Santo.

Sob esse olhar, a partir da atuação de grupos do terceiro setor e de sua influência na elaboração de políticas públicas curriculares, os PCNs são vistos como parte do “velho” ensino médio, devendo ser substituídos pelos conhecimentos, competências e habilidades trazidos pela Lei nº 13.415/2017 que subsidia o Currículo do Espírito Santo (2020). Este último, por sua

vez, é apresentado como um “novo modelo” atento aos valores e atitudes das “novas gerações” por meio da utilização das “novas tecnologias”, práticas e recursos “inovadores e dinâmicos” (Espírito Santo, 2020, p. 2 e *passim*) que colocam em movimento os valores e atitudes esperados do “jovem do futuro”, expressão que, em 2024, vem sendo empregada pela Sedu/ES em referência seu novo programa que “[...] propõe o desenvolvimento da cultura digital a partir do uso de metodologias pedagógicas inovadoras e de tecnologias educacionais no cotidiano escolar”.ⁱⁱⁱ

O emprego do “novo” e de todo um conjunto de expressões correlatas, como se vê, não constitui mera questão de adjetivação frasal, mas a expressão de um *querer político* em que os jovens estudantes do ensino médio são vistos como aqueles que “[...] não se prendem a certezas absolutas uma vez que pertencem a uma geração em que tudo muda em grande velocidade e acompanhar a todas essas mudanças requer flexibilidade” (Espírito Santo, 2020, p. 6). Inovação e flexibilidade, premissas da agenda neoliberal, tornaram-se, assim, a tônica do currículo capixaba que busca fazer da escola uma “empresa do futuro”.

O currículo ora vigente no Espírito Santo na medida em que se vale dessas adjetivações busca, na verdade, validar-se perante uma sociedade que, imersa na lógica da valorização de tudo aquilo que é atual e arrojado, com o “novo” e “flexível” tende a se identificar, se apropriando de sua significação e legitimando a ação conformadora do Estado que, conforme apresentado, vem se pautando pelos “valores” do terceiro setor. Conforme assevera Koselleck (2006, p. 98) “Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política” que torna necessária a conformação e planificação da sociedade por parte do Estado neoliberal.

O currículo atua, nesses termos, como aparelho ideológico de Estado (AIE), tal como propõe Althusser (2022) e, sendo a escola um AIE, ela funciona, predominantemente, através da ideologia, a qual, na nova ordem mundial, corresponde o neoliberalismo. Uma perspectiva neoliberal da educação busca, assim, emaranhar-se a uma gama variada de concepções e metodologias que adquirem forma e sentido no currículo escolar. Desse modo, a ideologia “[...] está de fato sempre unificada, apesar de sua diversidade e contradições, sob a ideologia dominante, que é a ‘ideologia da classe dominante’” (Althusser, 2022, p. 77) a qual tem operado em solo espírito-santense por meio das “parcerias” público-privadas, conforme destacamos.

Entendido o neoliberalismo como “[...] um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (Dardot; Laval, 2016, p. 17), identificamos pares correspondentes que unem esse “novo modo de governo” ao Novo Ensino Médio Capixaba. Entendemos, por isso, que no interior das escolas a ideologia neoliberal, sob a forma de conceitos como o de “empreendedorismo de si”, tem assumido uma proposta clara: formular um senso comum pedagógico de viés neoliberal. No Espírito Santo, essa proposta se consubstanciou com a disciplina Projeto de Vida, cujas atribuições discorreremos na próxima seção.

3. Saúde mental: uma práxis do “Projeto de Vida”

Ao nos debruçarmos sobre a escrita deste texto, tomando por referência as relações entre o componente integrador Projeto de Vida,^{iv} implementado no Espírito Santo a partir do Novo Ensino Médio Capixaba e as posições de combate (Althusser, 2022) que nos permitem discutir questões de saúde mental no interior das escolas, precisamos, antes de tudo, nos identificar, haja visto que “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém” (Bakhtin, 2016, p. 101). Todo texto tem autor e nasce, necessariamente, do diálogo com outros autores em outros contextos.

Muito embora o leitor tenha a oportunidade de, a partir das informações que dão corpo às notas biográficas que acompanham este artigo, perceber que seus autores são um psicólogo e um professor, trataremos, brevemente, de complementá-las. Buscamos, assim, nos situar no interior desta discussão, explicando o porquê de termos escolhido falar, agora, de uma práxis do Projeto de Vida em interface com a psicanálise. Dentre as muitas questões que orientam essa práxis, está a constatação de que, cada vez mais, um número maior de estudantes capixabas relata um processo de adoecimento psíquico. Relatos que chegam ora ao professor de PV, ora ao psicólogo, ora ao pedagogo e se espalham por toda a comunidade escolar.

Esta temática adquiriu novos contornos a partir do episódio envolvendo um ataque armado a duas escolas de Aracruz, no Norte do Espírito Santo, em 25 de novembro de 2022. O cenário de insegurança que se instalou no cotidiano da comunidade escolar capixaba, sobretudo nos estudantes, fez surgir um campo fértil à entrada de projetos políticos que versam sobre a saúde mental no contexto escolar em nosso País. A título de exemplificação, neste ano de 2024, foi criada a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades

Escolares (Lei nº 14.819/2024), um desdobramento das discussões iniciadas após o episódio de Aracruz.

Iniciativas da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales), como o Projeto de Lei (PL) nº 325/2023, evidenciam que o assunto tem ocupado, também, o horizonte político capixaba na medida em que propõe a criação de um Plano de Saúde Mental das Redes de Ensino Público e Privado do Espírito Santo. No que se refere a nossas experiências como professores de Projeto de Vida, é preciso salientar que, quando o assunto é “saúde mental” nas escolas espírito-santenses, a responsabilidade pela discussão nos é sempre delegada. Por isso, antes de avançarmos nos aspectos específicos da questão, precisamos destacar que a escolha do professor de Projeto de Vida assume centralidade nesse processo, pois passa a implicar no que podemos chamar de “vivências do currículo”, daí nossa opção por tratar, neste texto, de um relato de experiência.

Os professores PV têm sido aqueles que, via de regra, possuem formação em humanidades.^v São, em sua maioria, professores de Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Isso se explica, pois, com a Reforma de 2017, os sistemas de ensino se viram obrigados a oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos 1.000 horas anuais de carga horária. A regra, contudo, não beneficiou o ensino de humanidades, integrado por disciplinas consideradas “menos importantes” na formação do “jovem do futuro”. Na prática, os únicos componentes curriculares obrigatórios dentro da Formação Geral Básica (FGB) prevista na BNCC para o ensino médio em todas as três séries, passaram a ser Língua Portuguesa e Matemática, a despeito do que previa o “velho” ensino médio nos moldes dos PCNs.

Em função de suas lutas pela sobrevivência, os professores de Ciências Humanas no Espírito Santo se veem, hoje, professores de PV, tendo de lidar com um movimento engendrado pela própria Secretaria da Educação que para a 3ª série, por exemplo, estabeleceu, em 2023, os seguintes conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Projeto de Vida: “Planejamento pessoal e coletivo; Carreira Acadêmica; Carreira Pública; Mercado de Trabalho e Empreendedorismo”, aliados aos seguintes objetivos: “Vislumbrar diferentes cenários e possibilidades para sua formação acadêmica e profissional tendo em vista a conclusão do Ensino Médio; Projetar e traçar caminhos para alcance de seus objetivos de vida [...]” (Espírito Santo, Ementas Curriculares, 2023).^{vi}

Sob essa lógica, as questões relacionadas às demandas de trabalho e emprego passaram a ditar os conteúdos escolares em face da produção de capital humano, fazendo da

escola uma grande empresa. Contudo, conforme defende Laval (2003), “a escola não é uma empresa” e disso decorre a necessidade de assumirmos, em nossa prática docente, reafirmamos, “posições de combate” (Althusser, 2022) frente a concepções educativas que prometem “[...] a transformação do modo de desenvolvimento das aprendizagens e a atualização das práticas e recursos inovadores e dinâmicos no processo de ensino-aprendizagem (Espírito Santo, 2022, p. 19) que permeiam o Novo ensino Médio Capixaba.

Ora, diante da nova configuração do Currículo do Espírito Santo, o professor de PV vê sua prática docente atravessada por múltiplas questões. É ele o responsável por “conectar”, tal como subjaz nos documentos orientadores da Sedu/ES, os estudantes às premissas do “empreendedorismo de si”, reforçando a necessidade de que se atentem às demandas de trabalho e emprego. Essas premissas, contudo, ignoram os princípios de uma educação libertadora, fazendo com que um número cada vez maior de estudantes se veja desesperados diante do “futuro”.

O “futuro” apresentado, sob o viés mercadológico que permeia o currículo escolar, é aquele em que a flexibilidade, a adaptabilidade e a capacidade técnica exigida pela “escola-mercado” entram em choque com uma trajetória escolar que alijou crianças e adolescentes do acesso a um conjunto de bens culturais imprescindíveis ao sujeito. Associado ao contexto de violência — do qual não se separa — expresso no ataque de Aracruz, o resultado da dinâmica neoliberal no interior das escolas tem sido um número crescente de estudantes em processo de adoecimento psíquico, sobretudo nas escolas de ensino médio, onde o “futuro” se torna, em função da conclusão desta etapa da educação básica, uma metáfora nem tão distante assim.

Diante deste cenário, iniciado o ano letivo de 2023 e sem a pretensão de corresponder à demanda de resolução dos problemas correlatos à saúde mental das pessoas da escola, nos ocupamos por intervir na dimensão formativa dos estudantes, propondo, em ato, outro direcionamento a ementa da disciplina de Projeto de Vida, tal como discorreremos adiante. Por isso, entendemos que toda e qualquer discussão sobre saúde mental nas escolas precisa, hoje, passar por uma análise do currículo escolar que, ao fim, orienta nossa prática pedagógica a qual independe da flexibilidade, da adaptabilidade e de todos os outros “ineditismos” propostos pela escola-mercado.

4. O Outro lado do “homem flexível”^{vii}

Partindo do pressuposto de que a evolução histórica da escola enquanto instituição não deve ser concebida como um percurso linear, a partir do pensamento de Bernard Charlot, Christian Laval (2004, p. 7) discorre sobre três momentos que marcam essa trajetória:

[...] um período no qual a principal função da escola era a integração moral, linguística e política à Nação; depois, um período no qual o imperativo industrial nacional é que ditou sua finalidade à instituição; por fim, a fase atual, na qual a sociedade de mercado determina mais diretamente as mudanças da escola.

Assim, a escola, dedicada à construção de um arcabouço escrito e burocrático que servia à religião e à política desde a Revolução Industrial tornara-se, por isso mesmo, um AIE, buscando, também ela, atender às demandas empresariais em matéria de qualificação do capital humano. Em virtude dessa e de outras transformações, o conhecimento passou a ser concebido como uma ferramenta capaz de resolver problemas e, nessa virada utilitarista, a escola se viu pressionada à reformulação de seus ideais pedagógicos. Os filósofos do liberalismo^{viii} ergueram suas vozes para afirmar que, ao bem estar social, o povo necessitava adquirir conhecimentos ligados à prática; o que a este horizonte laborativo escapasse, seria inútil.

Na tentativa de corresponder às demandas de uma sociedade cada vez mais marcada pela instabilidade das posições, sejam elas profissionais, políticas ou familiares, a escola se empenha em formar cidadãos capazes de se adaptar ao cenário caótico de incertezas que os aguarda no mercado de trabalho. Essa vertente neoliberal de formação do sujeito elege a instabilidade como sendo inerente à sociedade moderna e, nessa direção, prevê a eliminação de qualquer indício de rigidez, afinal, o estudante deve abraçar sua condição de sujeito descartável para corresponder, *ad eternum*, ao imperativo de tornar-se outro. Como sintetiza Laval (2004, p. 17):

A nova pedagogia, ‘não diretiva’ e ‘estruturada com leveza’, a utilização de novas tecnologias, um mais extenso ‘menu’ de opções oferecido aos alunos (...) são pensados como introdução na ‘gestão das situações de incerteza’ nas quais o jovem trabalhador será mergulhado ao sair de seus estudos.

Os pressupostos político-culturais, outrora incluídos no percurso formativo dos alunos, deram lugar aos valores do trabalho. Laval (2004) verifica que o “homem flexível” constituiu-se como o novo referencial pedagógico. O autor ainda indica que a meta-competência do estudante de hoje consiste em “aprender a aprender”. Cabe aqui salientar que a palavra flexibilidade foi destituída de seu sentido original. No neoliberalismo, o indivíduo flexível é aquele que melhor se adapta à tensão própria do jogo mercadológico, idealizado enquanto a

A escola-mercado; Projeto de Vida e saúde mental no contexto do “Novo Ensino Médio Capixaba”: um relato de experiência

única via para realização profissional/pessoal, tal como apresentada no Currículo do Espírito Santo (2020).

Essa deturpação semântica não é banal, ela aponta para o cerne do projeto ideológico do novo capitalismo. Os precursores do neoliberalismo, dentre eles o economista Friedrich Hayek (1944/1990), da Escola Austríaca, e o pensador da Escola de Chicago, Milton Friedman (1962/2014), defendem a espontaneidade do fluxo mercadológico enquanto a única instância capaz de conduzir ao progresso social, visto que esta seria uma eficiente moderadora das demandas individuais, capaz de estabelecer uma linha específica de ação sem a necessidade de apelar aos instrumentos bélicos ou aos comandos autoritários. Friedman (2014, p. 30) afirma que:

O uso amplo do mercado reduz a tensão aplicada sobre a intrincada rede social por tomar desnecessária a conformidade, com respeito a qualquer atividade que patrocinar. Quanto maior o âmbito de atividades cobertas pelo mercado, menor o número de questões para as quais serão requeridas decisões explicitamente políticas.

O desaparecimento de noções comunitárias repercute nas dinâmicas relacionais, as quais passam a ser calcadas na ausência de solidariedade. Própria ao contexto empresarial, a competitividade faz surgir um novo pacto civilizatório no qual formas de gestão coletivistas dão lugar à lógica de autogestão e auto responsabilização. A violência instaurada pelo pacto social neoliberal desvela uma outra forma de sofrimento, em que não é possível ter consciência da violência social, pois essa é vista como inerente à civilização e o anormal é aquele que a essa não se adapta.

Dessa maneira, o neoliberalismo se apresenta como “um modo de intervenção social profunda nas dimensões produtoras de conflito” (Safatle, 2021, p. 25). Tal engenharia forja um Estado responsável pela despolitização da sociedade, que intervém diretamente na desmobilização de instituições e coletivos os quais historicamente foram responsáveis pela ebulição de conflitos estruturais. O que resta dessa conjuntura é uma inerte sensação de conformidade às regras do jogo, que forçosamente impõe a aceitação de uma nova gramática do sofrimento, calcada na inevitabilidade de um cenário caótico.

Nesse contexto, como aponta Vladimir Safatle (2021, p. 20), assistimos a capilarização da lógica empresarial em diversos setores da sociedade, agora, “[...] a recusa do primado da propriedade privada e da competitividade não seria apenas um equívoco econômico, mas principalmente uma falta moral”. Desse modo, o discurso neoliberal passa a direcionar o indivíduo a um modelo de subjetividade servil, que introduz a impotência como afeto central.

Sem saídas, os sujeitos se veem como meros operadores de performance e otimizadores de mercados não problematizados.

Identifica-se uma estrutura colonial do discurso neoliberal que, propondo-se universal/inevitável, faz a gestão das formas possíveis de organização psíquica na sociedade “civilizada”. Assim, no que diz respeito ao conceito de civilização, Freud (1930) destaca o mal-estar subjetivo engendrado pelo discurso moderno, que afirmando uma oposição entre o civilizado e o bárbaro produz, como ilustra Achille Mbembe (2014, p. 11), uma “ficção de cariz biológico” para codificar a loucura. Por conjectura, pode-se pensar que a dimensão imagética da barbárie assume um papel central nessa trama, pois corresponde ao que não se deve dar a ver, caso se pretenda cidadão na cultura.

O colonialismo europeu do século XIX se legitimou no seio deste paradigma e, até os dias atuais, as marcas que escapam às vistas da gramática euro-norte-americana devem ser, no limite, eliminadas. Apostando que o enfrentamento às premissas neoliberais pode ter como efeito a produção de uma fissura no interior deste modelo colonialista de hierarquização das formas de vida, propusemos uma nova orientação à disciplina de Projeto de Vida por meio do projeto “Nós na Garganta” que dá título à próxima seção.

5. “Nós na Garganta”: Um dispositivo de enfrentamento

Conforme pondera Barthes (2004, p. 29)

[...] abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica.

Até o presente momento, expusemos as reverberações da engenharia neoliberal, tanto no âmbito das políticas públicas de educação quanto no que concerne à gestão das subjetividades. Isto posto, tendo como norte a fundamentação de uma crítica à razão neoliberal, que em seu delírio de universalidade tenta orquestrar o apagamento de Outras lógicas discursivas, torna-se urgente pensarmos em dispositivos que estejam alicerçados em Outras bases. Desse modo, a fim de desarmar “[...] as engrenagens governamentais em curso e incitar a criação de táticas de resistência e enfrentamento coletivo” (Barros; Cruz, 2023, p. 84), desenvolvemos, no interior de uma escola de ensino médio da rede estadual de ensino do Espírito Santo, o projeto “Nós na Garganta”.

O título do projeto dá notícias de sua direção ética. A máxima popular em questão evidencia a embaraçosa sensação de não se ter palavras à disposição para poder expressar o

que se sente. Lacan (1964/1998), em seu seminário XI, aponta que, por sua propriedade faltosa, esta brecha semântica, a hiância, se destaca como um espaço psíquico que comporta certos fragmentos do Real.^{ix} Em virtude desta falta estrutural da linguagem, o sujeito será tragado pelo anseio de simbolizar o indizível. Sob esse ponto de vista, concebemos que o sujeito se movimenta na direção de dar contornos ao que, *a priori*, carece de um *Vorstellungsrepräsentanz*.^x Um dos desafios cruciais do projeto foi o de discutir com os estudantes que a parte que resiste à representação pode ser o motor do desejo e, por fazer referência à história de cada sujeito, impõe seu caráter de exceção, de singularidade.

Amparados pela noção de incompletude estrutural da linguagem e tendo em vista os esforços de uniformização dos fluxos desejantes perpetrados pela gramática do neoliberalismo, o projeto objetivou destituir o discurso neoliberal do posto de mestria, apostando radicalmente na invenção de saídas particulares à descontinuidade da linguagem. Ademais, se a angústia tem relação com a ausência de representação no psiquismo, devemos ofertar outros discursos, que sejam capazes de deslocar o sujeito em direção ao saber.

Realizado durante as aulas de PV em turmas da 3ª série do ensino médio regular, o projeto percorreu pelo terreno das artes com o objetivo de devolver nos estudantes seu olhar sobre a realidade que os atravessa, concebendo-os como agentes de suas trajetórias. Para tanto, cientes da potência desta iniciativa, em um contexto em que a arte é cada vez mais usurpada pela lógica neoliberal de produção e consumo, utilizou-se do fazer artístico para testemunhar em favor do reconhecimento da diferença, fundamental em tempos de hiper individualização.

Com encontros temáticos semanais durante o segundo trimestre letivo de 2023, abordamos questões como: a fulgência e pregnância das imagens aos olhos humanos, os paradigmas em torno da noção de realidade, a multiplicidade de sentidos que uma cena pode comportar e a serventia das diversas formas de expressões artísticas ao trabalho de elaboração subjetiva. Colaboraram com o projeto três turmas da 3ª série de um Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI). O critério para a seleção das turmas participantes foi a compatibilidade entre os horários das aulas da disciplina de Projeto de Vida, ministradas pelo professor, e a disponibilidade do psicólogo.

No intuito de fazer frente às premissas de universalidade do neocapitalismo, no primeiro encontro do projeto propusemos um debate acerca da multiplicidade de sentidos que uma foto comporta. Com o objetivo de questionar a fixidez do significado de uma

imagem, coletivamente ventilamos possíveis contextos às 5 fotografias apresentadas, desde um suposto nome do sujeito fotografado até as eventuais intenções do fotógrafo ao inclinar seu olhar para determinada cena, tal como registramos na Figura 1.

Figura 1 — Registro fotográfico do 1º encontro do projeto 13-04-2023



Fonte: Os autores.

Posteriormente, discutimos a respeito da inegável influência da singularidade de cada aluno na construção de um sentido ao que se vê. Faz-se importante acentuar que no âmago do discurso neoliberal há um grande investimento para a construção de subjetividades que se pensem a-históricas, descoladas de referências próprias. Afinal, quem não sabe de onde vem pode ser facilmente seduzido pelo que lhe for apresentado enquanto uma via para o “sucesso”.

Buscando abordar certos aspectos da sofisticada trama neoliberal, que visa incutir nos sujeitos caminhos inequívocos à “felicidade” e ao “bem estar”, os encontros se sucederam promovendo reflexões acerca do paradoxal processo de construção de si. Doís curtas-metragens brasileiros^{xi} foram utilizados como indutores das discussões, as quais serviram, a alguns alunos, como despertar para admissão da complexidade de estarmos todos submetidos às leis que nos precedem. Neste contexto, pensamos a respeito daquilo que se transmite a partir da nomeação que recebemos da família e os desafios de saber-fazer^{xii} com o que fizeram de nós.

Ao final do projeto, objetivando repor a inventividade ao vocabulário dos estudantes, as dinâmicas propostas preconizaram pela construção de algo que fosse, posteriormente, apresentado à turma. Em dada aula, leu-se um conto aos alunos e, em seguida, os foi solicitado que, em trios, pudessem criar uma versão da carta escrita pelo personagem da história, na qual este descrevia sua trajetória de vida. Após as apresentações, foi instigante notar que, apesar de terem recebido o mesmo enredo temático e partirem do mesmo conto, nenhum

trabalho coincidiu semanticamente. A “verdade lúdica” de cada exposição nos revela que a oferta de um fim ansiado por todos é uma cilada, visto que, em caso de triunfo, tal horizonte universalista não comporta a dimensão criativa, singular e, portanto, desejante de cada sujeito, servindo apenas à estimulação de um cosmos competitivista, que faz o mercado se aquecer.

6. Considerações finais

A relação que se estabelece entre currículo e prática escolar tem sido pautada, em nossos dias, por uma nova configuração a qual se caracteriza por uma crescente ingerência do terceiro setor nas políticas públicas educacionais, tal como se verifica no Espírito Santo a partir do Novo Ensino Médio Capixaba. A lógica neoliberal ao vislumbrar na flexibilização dos sujeitos um mecanismo para sua adequação a um mercado de trabalho que se quer igualmente flexível, aposta em “novos métodos”, “novos conteúdos”, enfim, “novas pedagogias” que de inovadoras nada têm na medida em que obedecem à velha lógica de (re)produção do capital, hoje, adequada às demandas da sociedade de mercado.

Em nossa proposta de intervenção, objetivamos promover um enfrentamento à perspectiva neoliberal de gestão das subjetividades. Visto que o discurso neoliberal tem por objetivo produzir sujeitos que se pensem a-históricos, deslocados de sua realidade particular. Nos encontros realizados durante as aulas de Projeto de Vida fizemos uso de diversas linguagens artísticas a fim de promover pontos de contato entre os estudantes e suas próprias referências de vida, respeitadas suas respectivas histórias e contextos familiares, em oposição à razão universalizante da escola-mercado.

Observar a existência de um tensionamento entre o “projeto de vida” neoliberal, que prevê uma trajetória de sucesso massificada e o “projeto de vida” singular, que comporta a diferença, foi um dos principais resultados do projeto, dando conta de demonstrar que, muito embora no Brasil e no Espírito Santo o Estado tenha se curvado à lógica mercadológica, a escola, assumida nossas posições de combate, pode, ainda, ser um espaço propício para a formulação de práticas de resistência a um horizonte produtor de subjetividades uniformes.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARROS, M. E. B.; CRUZ, C. B. O trabalho no campo da educação: o Fórum COSATE como estratégia de resistência à máquina neoliberal. In: COELHO, D.C.G.; ZAHN, J. R.; FLORES, A. A.

(org.). **Programa de formação e investigação em saúde e trabalho do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas**: 25 anos. São Carlos: Pedro & João, 2023, p. 77-98.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho de 2007 [...]. Brasília, DF, [2017]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. [S.l.: s.n.], 2002. 2023.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo do Espírito Santo**: Texto introdutório. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1B41xYpgWgvZGd8dccl6lDtOkjHL4jjC5/view>. Acesso em: 27 mai. 2023.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. **Plano de implementação**: Novo Ensino Médio Capixaba. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://novoensinomedio.sedu.es.gov.br/Media/NovoEnsinoMedio/Arquivos/PLI%20NOVO%20oENSINO%20M%C3%89DIO%20VERSAO%20MEC.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

ESTORMOVSKI, R. C. O currículo escolar como formador do sujeito empreendedor para o capital. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36828>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FÁVERO, A. A.; TREVISOL, M. G. Quando a educação se torna um negócio: ideologia neoliberal na educação e a cristalização do novo senso comum pedagógico. **Educação Unisinos**, v. 24, 2020, p. 1-19. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.18>. Acesso em: 08 out. 2023.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

A escola-mercado; Projeto de Vida e saúde mental no contexto do “Novo Ensino Médio Capixaba”: um relato de experiência

GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAYEK, F. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

KROEF, A. B, GALLICCHIO, G. S. Escola-empresa: traços do empresário-sombra. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, 2005, p. 116-127. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/dPLvB7dghcFzgNCJqXGqBLP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LACAN, J. **O seminário sobre “A carta roubada”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Planta, 2004.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

RAMOS, M. **Vida Maria**. [Filme-vídeo]. Produção de M. Ramos e Joelma Ramos. Direção de M. Ramos. Ceará, 2006. Duração: 9 minutos.

SAFATLE, V. A economia é a constituição da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V. JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 17-46.

VICENTE, J. **Cores e Botas** [Filme-vídeo]. Produção de J. Vicente e Nalu Béco. Direção de J. Vicente. Rio de Janeiro, 2010. Duração: 16 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEyUoo>.

Notas

ⁱ Note-se que a Lei nº 13.415/2017, “Lei da Reforma do Ensino Médio”, alterou a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), instituindo cinco grandes áreas do Conhecimento a integrar, obrigatoriamente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). São elas: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A Reforma acrescentou, ainda, uma parte diversificada a ser definida por cada sistema de ensino. No Espírito Santo, o Projeto de Vida vincula-se a esta parte diversificada do Currículo.

ⁱⁱ Informações disponíveis em <https://jabrasil.org.br/parceiros-ja-brasil/>. Acesso em 18 jan. 2024.

ⁱⁱⁱ “Sedu vai certificar mais dez novas ‘Escolas do Futuro’ em 2024” é o título da matéria disponível em <https://sedu.es.gov.br>. Acesso em 04 mar. 2024.

^{iv} Vide que “Os Componentes Integradores são um conjunto de unidades curriculares comuns a todos os arranjos de Itinerários Formativos, que possibilitam ao estudante aprofundar e ampliar seus conhecimentos. As unidades curriculares que compõem a matriz curricular do ensino regular formando o conjunto de componentes integradores são: Projeto de Vida, Eletivas e Estudo Orientado. A matriz curricular de oferta de Formação Técnica e Profissional, por sua vez, apresenta em seus componentes integradores, além desses citados acima, as seguintes unidades curriculares: Práticas e Vivências em Protagonismo e Práticas Experimentais” (Espírito Santo, 2022, p. 21).

^v Essa afirmativa encontra-se calcada em nossa experiência na disciplina de Projeto de Vida. Trata-se, portanto, de afirmar como o currículo é vivido.

^{vi} Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/ementas/>. Acesso em 15 out. 2023.

^{vii} Jacques Lacan (1998, p. 18) afirma que “o inconsciente é o discurso do Outro”. Ao discorrer sobre os desdobramentos de nos constituirmos na linguagem do Outro, reitera que tal estrutura simbólica, em razão de seu componente indizível, é marcada pela incompletude, por este vazio que possibilita a aparição do sujeito. Para Lacan (1998, p. 25), “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem [...]”, é uma lacuna contornada por marcas intraduzíveis, através das quais criamos nossa existência. A linguagem, portanto, ao mesmo tempo em que permite a comunicação dos desejos, o transforma em outra coisa, pois, como indica Bruce Fink (1998), as palavras que utilizamos não são próprias, elas não correspondem às nossas demandas específicas: os desejos são moldados na forma da língua que nos é ensinada. Para Frantz Fanon (2008), por sua vez, falar é sobretudo assumir uma cultura e suportar o peso de uma civilização.

^{viii} Notadamente, Herbert Spencer e Adam Smith.

^{ix} O inominável, aquilo que escapa ao universo simbólico do sujeito, “o que não pára de não se escrever” (Lacan, 1985, p. 81).

^x “Representação ou grupo de representações em que a pulsão se fixa no decurso da história do sujeito, e por meio da qual se inscreve no psiquismo” (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 455).

^{xi} Vida Maria (2006) e Cores e Botas (2010).

^{xii} Lacan (2007, p. 76) diz que o saber-fazer “[...] é a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável”.

Sobre os autores

André Alves Cruz

Psicólogo pelas Faculdades Integradas Espírito Santenses (Faesa), psicanalista e mestrando em Psicologia Institucional pelo Programa de Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: andrealvesco6@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8140-2102>.

Martinho Guilherme Fonseca Soares

Mestre em História Social das Relações Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ambos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor de História e Projeto de Vida. E-mail: martinhoesoares@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1593-3922>.

Recebido em: 01/04/2024

Aceito para publicação em: 19/08/2024